

## TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO ÂMBITO DA “ESTABILIZAÇÃO DA ENCOSTA DA CALÇADA DE SANTA ISABEL – QUINTAL DE S. FRANCISCO” - COIMBRA

Joana Garcia e Sérgio Madeira <sup>1</sup>

### SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

#### - Localização -

O presente resumo refere-se aos trabalhos arqueológicos efetuados, entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023, na empreitada denominada «Estabilização da Encosta da Calçada de Santa Isabel – Quintal de S. Francisco». O Quintal de S. Francisco fica nas proximidades da Calçada de Santa Isabel, artéria que poderá corresponder à antiga via romana, que ligava *Olisipo* a *Bracara Augusta* (Lisboa/Braga). O Quintal propriamente dito, faria parte integrante de uma antiga pedra, conhecida desde a Época Medieval, como Pedreira Velha. Na Época Moderna, o espaço integrava a Cerca do Convento de S. Francisco, e em 1764 foi cedido aos Irmãos Terceiros da Venerável Ordem Terceira, até à aquisição do mesmo pelo Município de Coimbra, em abril de 2022.

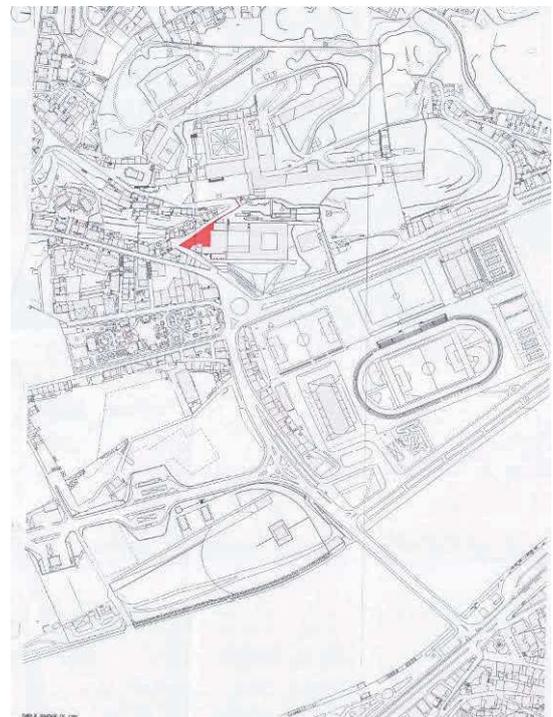


Figura 01 – Localização do espaço em cartografia 1/2000

O local da ação encontra-se na área adjacente à parte inferior da Calçada de Santa Isabel e está inserido na União das Freguesias de Santa Clara e Castelo Viegas, concelho e distrito de Coimbra.

A nível patrimonial enquadra-se na Zona Especial de Proteção (ZEP) dos Mosteiros de Santa Clara-a-Nova e de Santa Clara-a-Velha, classificados como Monumento Nacional desde 1910, com alteração introduzida pela Portaria n.º 381/2009, publicada na II Série do Diário da República, n.º 49, de 11 de março e na Zona Geral de Proteção (ZGP) da Igreja do Convento de São Francisco, classificada como Monumento de Interesse Público (MIP), pela Portaria n.º 612/2020, publicado no Diário da República, II Série, n.º 203, de 19 de outubro.

A empreitada alvo destes trabalhos arqueológicos foi promovida pela Câmara Municipal de Coimbra, que pretendeu requalificar o pátio contíguo à Igreja do Convento de S. Francisco, que corresponde à área do atual Quintal de S.

<sup>1</sup> Técnicos Superiores de Arqueologia, Gabinete de Arqueologia, Câmara Municipal de Coimbra

Francisco, incluindo tratamento e estabilização do talude confinante, recuperação de estruturas construídas, tais como os vestígios de um antigo campanário e requalificação de muros, pavimentações e ainda alguns projetos de infraestruturas.

Este projeto foi antecedido por sondagens arqueológicas prévias efetuadas também pela autarquia em 2022. Como sucedeu nas intervenções anteriores, quer nas realizadas em 2010, quer nas de 2016, estas sondagens revelaram-se estéreis do ponto de vista arqueológico, com níveis de aterro recentes e terra vegetal, exceto a sondagem 3, que apresentou o enterramento de um animal doméstico.

### **- Enquadramento legal –**

A ação arqueológica proposta à entidade tutelar inseria-se dentro da categoria C, alínea c), do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 164/2014, de 04 de novembro – Novo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconiza ações preventivas e de minimização de impactes integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático.

Ressalva-se também o cumprimento da Lei 107/2001, de 8 de setembro (Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural), Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, Taxas e Compensações Urbanísticas do Município de Coimbra – RMUE e do Plano Diretor Municipal – PDM (Coimbra).

O Plano de Trabalhos Arqueológicos foi traçado em consonância com o parecer da Direção Regional da Cultura do Centro (DRCC), no qual se propunha o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos com impacto no solo, nomeadamente a limpeza, desmatização, eventual regularização do terreno, escavações e ainda às afetações de natureza parietal. Não se propôs a integração na equipa de um especialista em antropologia biológica, uma vez que os trabalhos anteriormente realizados nesta plataforma se revelaram estéreis do ponto de vista antropológico.

Todo o trabalho realizado pela equipa de arqueologia respeitou os termos da legislação em vigor. A ação arqueológica foi precedida da obtenção da licença junto da entidade competente e sucedida pelo envio do relatório final.

### **- Equipa técnica -**

Os trabalhos arqueológicos foram da responsabilidade científica dos arqueólogos Joana Garcia e Sérgio Madeira. As arqueólogas Ana Sofia Gervásio, Clara Sousa e Raquel Santos integraram a equipa. Os trabalhos de conservação e restauro foram monitorizados pelo técnico superior Manuel Matias. O desenho arqueológico e a topografia foram disponibilizados pela autarquia.

### **- Breve contextualização geográfica e geológica -**

Do ponto de vista geomorfológico, a área a intervir situa-se na margem esquerda do Rio Mondego, no sopé do Monte da Esperança e abrange parte da sua encosta nascente, localizado na margem esquerda do rio Mondego.

A nível geológico, a zona relativa ao projeto é composta por calcário margoso com espessuras que diferem entre os 20 a 70cm, por vezes com intercalações argilosas entre elas, ou com deposição de calcite. Nesta área, a estratificação apresenta direções preferenciais NW-SE, com inclinações entre 10° e 26° para NE (DURÃO, 2020:4).

### **- Contexto do património histórico-arqueológico –**

O conjunto conventual de S. Francisco implantou-se num patamar de cota mais elevada e afastado das zonas de cheia do rio Mondego. Pois, o convento medieval edificado a jusante da ponte, foi constantemente vítima das inundações e assoreamentos do rio Mondego (CORREIA e GONÇALVES, 1947; LOPES, 1998).

O local funcionou como pedreira e era conhecido, na Idade Média, como “Pedreira Velha” (CORGA *et al.*, 2015). Esta atividade terá ainda contribuído para servir de base à construção do edifício conventual, conforme se constatou na tipologia da sua construção em dois patamares distintos, por forma a aproveitar as diferentes altimetrias existentes.

O convento é de construção modesta, edificado com recurso material proveniente do antigo e a esmolas. De traça maneirista teve como mestre-de-obras, Isidro Manuel (AYRES DE CAMPO, 1867 *in* LOPES, 1998:24). A inscrição efetuada na verga da porta sul de entrada na igreja pelo nártex, revela que a sua construção iniciou em 1602.

Apesar dos franciscanos terem ocupado o convento no dia 29 de novembro de 1609, as obras prolongaram-se ainda até finais do mesmo século. A fachada principal apresenta-se voltada a nascente, a torre sineira original localizava-se a sul da área da cerca, exterior ao edifício do conjunto conventual, com a igreja localizada igualmente a sul do edifício, desenvolvendo-se as dependências conventuais para norte desta. O convento de planta transversal era composto pela igreja, portaria, sacristia, dormitório, claustro, sala do capítulo, dispensa, cozinha, ante refeitório e lavabo, refeitório, biblioteca e oficinas (LOPES, 1998:24).

A igreja, por seu turno, possui planta longitudinal, fachada simples de pilastras com cinco panos de parede e três registos divididos por cornijas arquivadas, com o pano central mais largo e alto. A fachada tem ainda um frontão triangular com nicho para imagem de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição. Sobre plintos laterais existem duas imagens, a da esquerda corresponde a S. Francisco e a da direita a St. <sup>o</sup> António (Idem). A nível do interior a nave possui três

capelas de cada lado sobrepostas de galerias com janelas. Algumas capelas apresentam azulejos de padrões característicos do séc. XVII.

No transepto do Evangelho, foi detetado um espaço sepulcral, durante os trabalhos arqueológicos/antropológicos executados no âmbito de uma empreitada, onde foi identificado um conjunto de 12 sepulturas (PEREIRA, 2019), arquitetonicamente estruturadas com muros de alvenaria que as dividiam. A função cemiterial começava no interior da igreja, e continuava para além dela, no recinto envolvente, nos pátios e nos adros (SILVA, 2016).

Consta que o terramoto de 1755 provocou alguma destruição ao nível do frontispício e dos telhados, e em finais dos anos 60 do século XVIII, verificavam-se obras de alterações ao edificado. Na sequência das obras de implementação da tribuna, resolveram-se duas questões, ou seja, a criação deste espaço no interior da igreja e o suporte da escarpa. Esta solução optou pela construção de um túnel, que permitiu manter a ligação dos espaços conventuais com o quintal de S. Francisco (PEREIRA, 2019 *apud* SANTOS, 1997). As disputas entre Religiosos e Terceiros terá estado da construção do muro que separava o espaço reservado ao convento e o que lhe ficava imediatamente a Sul (SANTOS, P. 1997: 34).

É possível perceber que a planta atual da Igreja sofreu alterações, pois ainda existem vestígios de 2 saliências, quer a Norte, quer a Sul do topo do templo. Segundo Pedro Santos (Idem), baseado em cartografia do século XVIII, na parte a Sul existiria uma capela adossada à Igreja e a Norte situar-se-ia a Sacristia, por onde se acedia através de uma porta existente na parede Norte do transepto.

A 5 de janeiro de 1659 foi instituída a Ordem Terceira no Convento de S. Francisco da Ponte, com a eleição do seu primeiro *Definitórium*, com início de funções entre 1660 e 1743. Na sequência da necessidade de um espaço para oração dos Irmãos Terceiros, por carta de 4 de fevereiro de 1666 do Ministro Provincial Frei António de Nazareth, os franciscanos atribuíram-lhes a 1.<sup>a</sup> capela colateral do lado do Evangelho da igreja conventual, que corresponde ao lado sul da igreja, designada como Capela dos Santos Mártires de Marrocos. Esta seria provida de boas imagens e alfaias e magnificamente ornamentada com pinturas murais e revestimentos azulejares, cujas pinturas e painéis azulejares foram reabilitados durante a empreitada "Igreja de S. Francisco / Centro de Convenções e Espaço Cultural de S. Francisco - Requalificação da Igreja", que decorreu de setembro de 2015 a setembro de 2016 (SANTOS, 1997 e <https://ordemterceirasaofrancisco.pt/nossasenhoradaconceicao/>).

A ocupação dos mesmos espaços, geravam constantes conflitos entre os Terceiros e os Franciscanos, que levou a que se processassem transformações na propriedade e no espaço da igreja. Deste modo, em 1739, os frades atribuem a última capela da igreja, junta à entrada do templo conventual, de invocação a S. Pascoal Bailão, aos Terceiros. Mediante a ampliação desta capela, anexa ao mesmo convento (de que é proprietária), adaptaram-na à

invocação de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição, inaugurando-a em 1743. O interior é subdividido em três lances de abóbada. A nova capela possuiu azulejos de fabrico coimbrão e lisboeta com a ilustração da vida de S. Francisco. O retábulo principal caracteriza o rococó de Coimbra da responsabilidade de Gaspar Ferreira, em 1751. O pavimento da nova capela denuncia a existência de um antigo cemitério dos Irmãos Terceiros, provavelmente utilizado até à data de interdição de sepultamentos no interior das igrejas em 1835 (CORREIA e GONÇALVES, 1947; BORGES, 1987; DIAS, 1995, LOPES, 1998, GERVÁSIO *et al.*, 2009 e <https://ordemterceirasaofrancisco.pt/nossasenhoradaconceicao/>). Para suprimir as necessidades crescentes do culto da Ordem Terceira, por escritura celebrada em abril de 1764, os Frades Menores concederam um lote de terreno junto da nova capela que constitui o atual Quintal de S. Francisco, na Calçada da Rainha Santa Isabel, o que tornou possível a construção da sacristia, da casa do despacho e de outras dependências (<https://ordemterceirasaofrancisco.pt/nossasenhoradaconceicao/>). Contudo, ainda assim as questões de propriedade e independência dos espaços vão surgindo e na sequência das obras de implementação da tribuna, atrás referidas, foi construído um muro de divisão de propriedade entre o Convento e a Ordem Terceira (SANTOS, 1997). No ano de 1785, devido a conflitos com os frades, a Ordem Terceira abandona o espaço da capela, e domicilia-se na antiga Igreja da Colegiada de S. Cristóvão, posteriormente na Sé Velha, regressando à capela no ano de 1816, passados mais de 30 anos. Todavia, em 1837 transferiu-se definitivamente para a Igreja de Nossa Sr.<sup>a</sup> do Carmo, localizada na Rua da Sofia. Só em 1828, se criou a acessibilidade lateral pelo exterior, partilhando o adro lateral com a entrada para a igreja e convento de S. Francisco, consolidado a independência fechando de forma efetiva a ligação entre a igreja e a capela (SANTOS, 1997 e <https://ordemterceirasaofrancisco.pt/nossasenhoradaconceicao/>).

No lado sul da cerca, no Quintal de S. Francisco, entre a antiga igreja do convento de S. Francisco e a capela de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição, regista-se uma torre de um antigo campanário. Apesar de não estar representado na planta topográfica de 1845, surge já na foto aérea de 1932 (CORREIA e GONÇALVES, 1947), sendo descrito como um “campanário baixo, rústico”, que nessa data ainda apresentava dois sinos, que poderiam ter pertencido ao convento, uma vez que o de tamanho maior teria sido mandado construir no ano de 1544, por isso deveria ser, inclusivamente, oriundo do antigo convento medieval, e o mais pequeno data de 1800 (Idem). Os registos arqueológicos de 2009/10, registam o aparelho de alvenaria em avançado estado de ruína (GINJA e GINJA, 2010) e nas visitas efetuadas ao local em 2011, nenhum dos sinos descritos por Correia e Gonçalves (1947), se encontrava no local. De acordo com informação oral de um residente numa das habitações do Quintal de S. Francisco, encontram-se na sede da Ordem Terceira, sita na Rua da Sofia, em Coimbra.

No início do século XIX, durante o período em que ocorreram as invasões francesas (1807/1811), as tropas ocuparam o Convento de S. Francisco, que juntamente com o Mosteiro de St.<sup>a</sup> Clara-a-Nova, serviram de quartel e hospital, tendo provocado avultadas pilhagens, destruição e morte (<http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>).

Na sequência da extinção das ordens religiosas, em 1834, o convento e a cerca passaram para particulares e de 1854 a 1875, a igreja passou para sede da freguesia de Santa Clara (Correia e Gonçalves, 1947:90). Esse decreto, foi determinante na história de toda a área afeta ao antigo Convento de S. Francisco, com a saída dos frades e a passagem dos bens para o Estado. Consequentemente, num período inicial ficou ao abandono, contribuindo para que desaparecessem muitos dos seus bens (PEREIRA, 2012). Em 1875, a igreja foi desanexada, e a profanação do convento foi participada pelos párocos de Santa Clara e S. Bartolomeu (<http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>).

É nesta fase que é instalada a fábrica de massas alimentícias por José Vitorino Botelho de Miranda (JESUS, 1997). Em 1888, a fábrica de lanifícios de Santa Clara, Peig, Planas e C<sup>a</sup> ocupa o convento por quase um século, provocando alterações profundas no convento e algumas alterações na igreja. Esta fábrica deixou de laborar, apenas, no ano de 1976 (LOPES, 1998).

Por mais de um século funcionou como um espaço comercial e industrial destacando-se a presença da fábrica de lanifícios, comumente designada de Santa Clara e em 1996, a Câmara Municipal adquire todo o espaço, tendo desenvolvido alguns eventos culturais e estudos arqueológicos. Juntamente com a reabilitação das dependências e da cerca envolvente do convento, cujo projeto foi concebido pelo Arquiteto Carrilho da Graça.

A igreja passou inicialmente para a Diocese, contudo, no ano de 2011, o espaço da igreja é entregue à Autarquia, que mandou executar um projeto para o local, concebido pelo Arquiteto Gonçalo Byrne.

Atualmente, ambos os espaços funcionam acoplados no equipamento cultural “Convento São Francisco – Coimbra Cultura e Congressos” (<http://www.coimbraconvento.pt/pt/>).

Os trabalhos de desmatção realizados em 2015 (Santos, 2016c), englobaram também o muro da cerca e o talude do Quintal de S. Francisco. Em termos patrimoniais, verificou-se que, maioritariamente, a base do muro da antiga cerca, construído com aparelho de alvenaria de pedra calcária, com ligante de argamassa de cal, assenta diretamente no soco geológico. Em muitas áreas, quer o muro, quer o aparelho rochoso apresentavam-se desfragmentados. Alguns troços do muro tinham imbricados raízes de figueira, cujas árvores foram cortadas no âmbito daquele trabalho. Contudo, nesta fase, o muro não foi intervencionado, mantendo-se muito instável, sobretudo na sua base de sustentação.



**Figura 02** – Situação prévia à desmatção de 2015, no muro da Cerca do Quintal de S. Francisco (foto: Raquel Santos, 2015)



**Figura 03** – Pormenor duma área muito fragmentada, a Norte da Torre Campanária (foto: Raquel Santos, 2015)

O muro da cerca do antigo Convento de S. Francisco, confina com a calçada de Santa Isabel e delimita a área do Quintal de S. Francisco. Este muro apresenta dois lanços construtivos diferenciados, que têm funções distintas. A parte inferior, apresenta-se apenas voltado para o quintal, não tem expressão visível do lado da calçada, assenta num dos patamares do substrato geológico de calcário. Do lado do quintal apresentava diversos orifícios afunilados, distribuídos ao longo da estrutura, para drenagem das águas pluviais da calçada. Da parte da calçada, o muro, apresenta-se mais recuado (tipo degrau), e eleva-se acima do pavimento da calçada. O muro da cerca foi construído, com aparelho de alvenaria ordinária, em pedra calcária disforme com ligante em argamassa de cal, areia e pedra calcária miúda. Denota-se ainda alguns vestígios do antigo reboco, que se apresenta bastante deteriorado sobretudo do lado exterior do muro, com destacamentos, provocados maioritariamente pela proliferação de vegetação diversa. Na parte sudoeste do quintal, o muro do lado da calçada assenta diretamente no substrato geológico, ressalva-se, no entanto que este, apesar da sua função como pedreira, não é uniforme.

A vegetação, designadamente, as raízes das figueiras, provocaram grande instabilidade na base do muro, que nalguns pontos, se encontrava suspenso apenas nas raízes, daí a necessidade da atual intervenção.

No canto sudeste registaram-se, na fase inicial, algumas construções de fraca qualidade, efetuadas no século XX, em tijolo de barro vermelho e cimento, que serviam de apoio aos consumos domésticos das habitações, nomeadamente um forno a lenha, e abrigos para animais domésticos e de companhia. Algumas das quais, desconstruídas, no âmbito da presente empreitada (Idem).

A torre campanária acima referida, pelo menos desde o início deste século, encontrava-se em avançado estado de ruína, tendo vindo a degradar-se progressivamente. Apesar de não apresentar cobertura (telhado / teto), os vestígios existentes pressupõem que fosse de duas águas e com telha de meia cana. No estado em que se encontrava a torre, não era visível o tipo de pavimento, uma vez que parte do alçado poente, que funciona, simultaneamente, como muro da cerca, se encontrava parcialmente desmoronado sobre o chão do antigo campanário. A torre apresenta os quatro

alçados integrais, incompletamente rebocados e com cantarias nos vãos, sendo 5 o número de janelas. Os vãos das janelas são compostos por padieira abobadada, pontualmente de tijoleira, soleira em pedra calcária, ombreira de aparelho de alvenaria rebocado, com encaixe de pedra calcária aparelhada na parte superior, para colocar o sino suspenso, cada um de dimensões variadas. O vão de janela a ESE, é o mais completo, apresentando ainda vestígios do madeiramento com marcas concavas do balanço e o mecanismo de puxar o badalo do sino. O vão da porta tem ombreiras em alvenaria e padieira reta em pedra calcária. A torre possui uma escadaria de acesso à mesma que era feito pelo alçado sul, ainda que os degraus estejam bastante degradados, sendo que ao nível inferior estes seriam escavados na própria rocha. Este elemento foi construído com aparelho em alvenaria ordinária, com silhares paralelepípedicos nos cantos e pedra calcária disforme na restante área do aparelho, com ligante de argamassa de cal e areia, pedra miúda e fragmentos de cerâmica de construção. No exterior, ainda se denotam vestígios de pintura de cor ocre com moldura vermelha, sobretudo, na parte superior (SANTOS, 2022).

Neste sentido, destaca-se ainda a existência de alguns dos elementos da sua função original, como encaixe dos sinos e pinturas dos paramentos exteriores.

O alçado poente, é parte integrante do muro da cerca do Convento, e era a parte mais danificada da estrutura, encontrando-se sobretudo fragilizado na parte inferior, mantendo-se seguro pelo travamento dos restantes alçados, nomeadamente, o Norte e o Sul, ainda que este, se apresentasse também bastante danificado. No início dos trabalhos, a torre exibia um elevado índice de fragilidade, dado apresentar áreas ocas, ou preenchidas com raízes de figueiras na base de sustentação.

As estruturas de carácter habitacional que se situam na zona do Quintal, não estão representadas na Planta Topográfica da Cidade e Arrabaldes de Coimbra de 1845, e aparecem apenas posteriormente na foto aérea de 1932 e Carta Topográfica de 1934. Mediante estes dados, pode concluir-se que se trata de edifícios de características de inícios do séc. XX, sem elementos arquitetónicos relevantes (GERVÁSIO, 2015).

Apesar da utilização do espaço como pedreira, não foi possível encontrar nenhuma prova inequívoca relativamente a essa aplicação. Provavelmente, o único indício que poderá estar relacionado com essa função será um semicírculo com perfil vertical, existente na entrada, situada a Sul, da Torre Campanária. Este elemento aparenta ter sido efetivado por uma lança pontiaguda, semelhante a uma perfuradora, que possibilitaria o destacamento de blocos de pedra na antiga pedreira. Na área agora intervencionada, não se localizaram outras marcas que pudessem remeter para este tipo de uso.

A margem esquerda do Mondego, viveu durante muito tempo na esfera de um conjunto de estruturas conventuais instaladas a partir da época Medieval, nomeadamente o Convento de Sant'Ana, o Convento de Santa Clara-a-Velha e o Convento de S. Francisco da Ponte, entretanto abandonadas em resultado do assoreamento do Rio Mondego.

Estes conventos foram transferidos por novos edifícios construídos em época Moderna em sítios livres do assoreamento.

## DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

O principal objetivo dos trabalhos que decorreram no Quintal de S. Francisco foi a consolidação da estrutura correspondente à Cerca. A zona ocupada pela Quintal, ou seja, entre o limite sudoeste da Igreja do Convento de S. Francisco e as imediações da ruína da antiga torre campanária, corresponde a um talude de calcário margoso subvertical, com altura variável entre os 3m, junto à estrutura da torre campanária e os 7m junto ao cunhal sudoeste da Igreja do Convento de S. Francisco, encimado por um muro de alvenaria rebocado, constituído por pedra calcária não calibrada de diversas dimensões, com ligante de areia e cal. Foram ainda acompanhadas a escavação de diversas valas relacionadas com sistema de infraestruturas, nomeadamente, para drenagem do edifício religioso.

### - Antecedentes –

Previamente, em 2015, foram efetuados trabalhos de “Prospeções e Estudos Geológicos e Geotécnicos na Encosta da Calçada de Santa Isabel e S. Francisco”, com o respetivo acompanhamento arqueológico. Os principais objetivos foram a análise macroscópica dos sedimentos recolhidos sequencialmente em carotes, assegurar que os trabalhos de limpeza e desmatação não interferissem com eventuais vestígios arqueológicos, quer a nível do subsolo, quer de estruturas de alvenaria, registar e avaliar eventuais contextos arqueopatrimoniais, identificar a potencialidade dos níveis antrópicos, analisar os resultados apresentados em sede de relatório geotécnico, prever e implementar medidas de minimização, proteção e salvaguarda consideradas necessárias. Este estudo foi efetuado numa área de 4.500m<sup>2</sup>.

Deste trabalho, concluiu-se que a zona em questão, carece de uma intervenção de estabilização, quer do talude geológico, quer do muro da cerca, e de um projeto para a cerca que seja compatível com os vestígios osteológicos e arqueopatrimoniais. O projeto teria de ser avaliado pela Tutela, para emitir parecer.

Em 2022, numa fase anterior à abordada no presente trabalho, realizaram-se os trabalhos arqueológicos prévios de diagnóstico do projeto de “Estabilização da Encosta de Santa Isabel”, que consistiram na realização de 3 sondagens manuais, com vista à identificação salvaguarda do património arqueológico detetado, bem como a identificação e registo das sequências estratigráficas existentes. Durante a realização das sondagens prévias de diagnóstico não se detetaram vestígios arqueológicos que colidissem com o projeto e foram maioritariamente estéreis do ponto de vista arqueológico. Ressalva-se, contudo, a sondagem 3, por abranger a área entre o alçado nascente da torre campanária e o muro de delimitação e suporte desta plataforma. Estratigraficamente revelou sedimentos muito revolvidos, com artefactos de várias cronologias em diferentes unidades estratigráficas. A escavação junto ao canto nordeste da torre campanária, permitiu verificar que a base da torre assentou no sedimento geológico, contudo o revolvimento dos

materiais não permitiu inferir uma cronologia. Na zona onde ficou perceptível o aparelho construtivo da torre, vislumbrou-se uma composição de silhares de pedra calcária, com ligante em argamassa de cal e areia do rio, que envolve pedra calcária disforme e/ou cerâmica de construção, designadamente, fragmentos de telha meia cana.

### **- Acompanhamento arqueológico –**

Durante a empreitada foi efetuado o acompanhamento arqueológico, dos trabalhos de revolvimento de terras e das ações ocorridas a nível parietal. A escavação foi efetuada com o apoio de uma giratória, com recurso esporádico de meios manuais, como picareta, enxada e pá, por vezes foi utilizado o martelo pneumático. Foram várias as ações com acompanhamento arqueológico, nomeadamente:

#### **- Abertura de sapata para instalação da grua -**

Antes do início dos trabalhos de estabilização do muro, executou-se a abertura de uma sapata para a instalação da grua necessária a todo esse procedimento. Nessa conformidade, com apoio de maquinaria pesada, escavou-se uma área de 5mX5m, com uma profundidade aproximada de 80cm. A abertura ocorreu na zona inferior do quintal nas proximidades da habitação existente. A ação foi pouco interessante do ponto de vista arqueológico.

#### **- Revestimento e estabilização do talude no Pátio -**

As confrontações do talude, alvo de intervenção, são para Sudoeste a Calçada de Santa Isabel, para Sudeste o Pátio de S. Francisco, nomeadamente de uma torre campanária, e para Norte, alguns edifícios do Convento de S. Francisco. O muro que se encontra na crista do talude não foi alvo de reabilitação nesta fase do projeto.

O talude em questão, manteve a configuração durante vários anos, apresentando-se à vista desarmada uma constituição rochosa superficial de configuração bastante irregular e com zonas de suporte pouco pronunciadas. Este encontra-se sobranceiramente à Calçada de Santa Isabel, desenvolvendo-se em cerca de 78m de forma paralela e confinante com o referido arruamento, possuindo um desnível altimétrico que varia entre o 1m e os 13m, do lado do Quintal de S. Francisco. Na crista do talude, a parte superior do muro constitui o guarda-corpos deste arruamento (DURÃO, 2020: 1), que se encontra parcialmente fragilizado devido, sobretudo, à existência de arvoredos (figueiras), cujas raízes se distribuem ao longo de fraturas.

Os trabalhos iniciais principiaram pela limpeza, desmatagem e desobstrução de toda o espaço de intervenção. Uma vez que não se conheciam registos de fenómenos de instabilidades globais no talude, os trabalhos efetuados no local pautaram-se por um revestimento da superfície da escarpa para minimização dos problemas erosivos associados à exposição climática, consolidando a zona rochosa mais superficial face à presença de alguma fracturação. Desta forma, revestiu-se a superfície do talude com betão projetado pregado, bem como parcialmente a torre campanária, constituindo este uma barreira de proteção contra a erosão, e as pregagens como um meio de fixação desse revestimento e de consolidação do maciço rochoso na profundidade do comprimento das pregagens. Tamponadas as

fraturas do maciço rochoso que intersectam a superfície do talude, foram realizados geodrenos com o objetivo de manutenção da capacidade drenante do mesmo. Neste sentido, considerou-se pertinente manter e melhorar os bueiros existentes. Salienta-se, que para o betão projetado foi definida uma pigmentação, que pretendia refletir a tonalidade do ambiente envolvente.

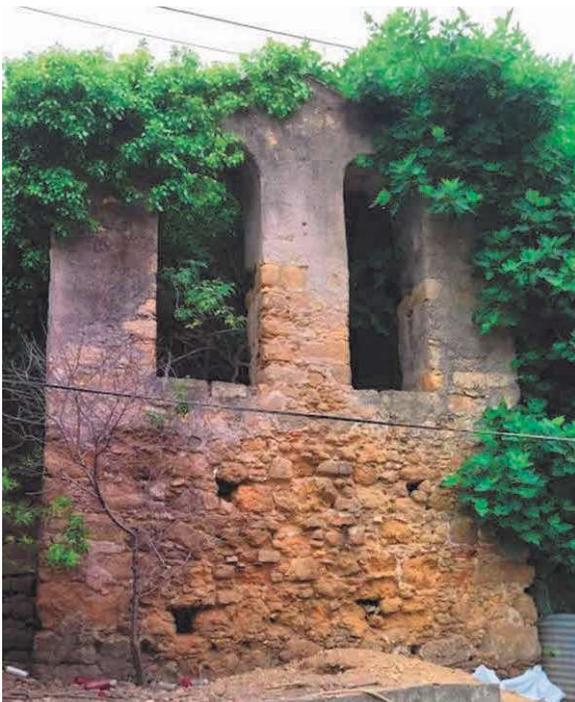


Figura 04 – Fachada principal da Torre Campanária (foto: Raquel Santos, 2022)

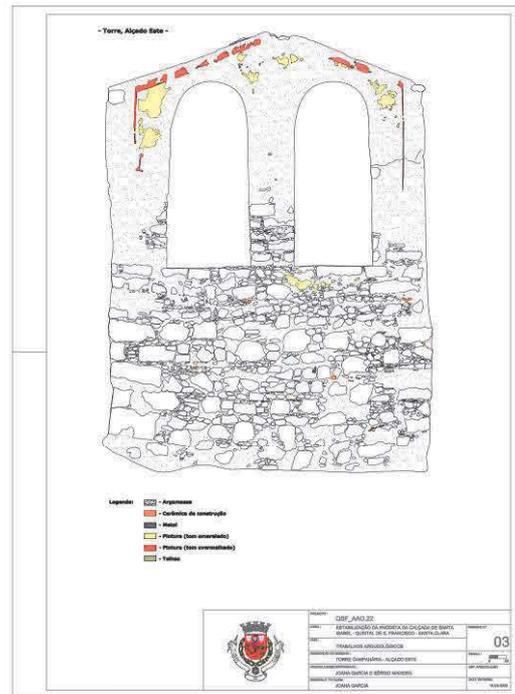


Figura 05 – Registo gráfico do alçado este da Torre



Figura 06 e 07 – Processo de desmatação

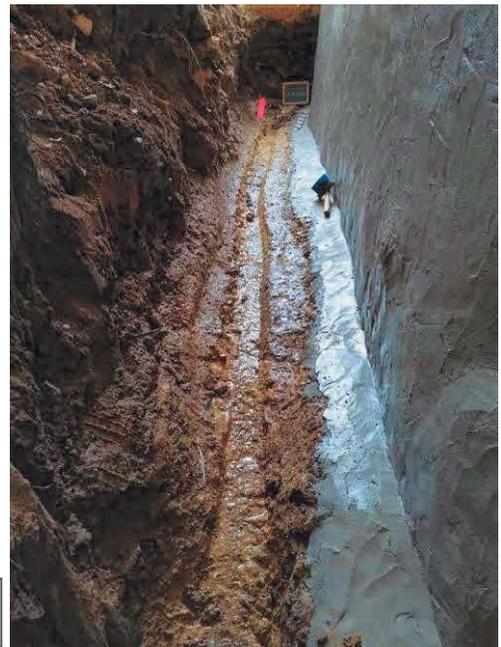
- Desconstrução de muro limítrofe entre o quintal e a parte posterior da igreja -

O muro que delimitava a zona do Quintal de S. Francisco propriamente dito e a parte posterior da igreja, estava construído entre a esquina sudoeste do templo e a cerca do convento. O exterior do muro estava parcialmente revestido por uma camada de betão, sendo que tinha 2 constituições distintas. Os 60cm superiores possuíam blocos de betão, revestidos com o mesmo material, a restante estrutura era composta por pedras irregulares de calcário de pequeno e médio porte, interligadas por uma argila pobre, já sem consistência. Não surgiram pedras de cantaria.

- Escavação para colocação de infraestruturas -

1. A escavação para instalação de um dreno principiou na parte norte do túnel existente na zona posterior da igreja, situado na ligação entre o Convento e o Quintal de S. Francisco. A vala foi efetuada junto à parede traseira do templo, contornando o espaço sagrado, com cerca de 1,30m de profundidade por  $\pm 70$ cm de largura. Nessa zona, foi identificado um canaleta, que terá sido construído para a condução de águas, supostamente pluviais, e foi escavado na rocha. O canaleta prolongou-se numa distância de aproximadamente 4,40m, tendo terminado suavemente, mas sem razão aparente.

Figura 08 – Pequeno “canaleta”, existente debaixo do túnel



Após a escavação de mais ou menos 17,50m de vala, com uma estratigrafia mais ou menos similar, surge a abertura de um coletor/conduto, sentido Norte-Sul, em alvenaria de pedras calcárias irregulares. Talvez, em tempos mais antigos fizesse ligação ao canaleta. O coletor tem uma altura interior de 40cm, a laje superior 10cm, na parte direita encosta ao substrato rochoso, na parte esquerda possui um murete, com aproximadamente 20cm de largura, em pedra irregular de médias dimensões de calcário ligadas por argamassa. O coletor poderá prosseguir para outro que foi visível na parte inferior do quintal junto às habitações e que se prolongava para dentro do imóvel, mas para já essa situação não foi possível de confirmar ou refutar.

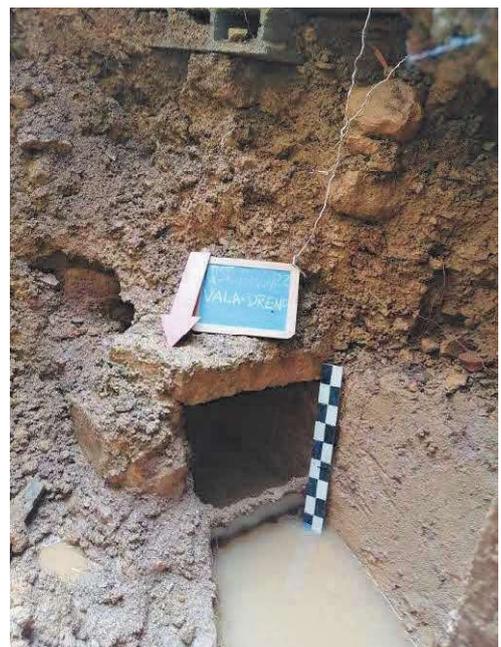


Figura 09 – Antiga conduta em alvenaria

A continuação da escavação na fachada lateral esquerda até ao cunhal anexo à habitação existente no espaço, a uma cota mais profunda, não só permitiu perceber que esta zona tinha sido entulhada numa fase relativamente recente, meados do século XIX (?), como também possibilitou a visualização da base do templo religioso do lado Sudoeste. Assim, entre as 2 pilastras do cunhal Oeste e a casa, o paramento, desde o atual piso até ao assentamento é composto por pedra calcária irregular interligadas por argamassa pobre. Na esquina entre a janela da casa e a igreja é possível registar um remate em cimento, fruto talvez de alguma reparação efetuada. A transformação estrutural da igreja nesta zona deverá estar relacionada com a sugerida por Pedro Santos (1997) para a centúria de setecentos, como está registado numa planta da mesma época. Na sequência desta escavação foi ainda revelado um plinto idêntico ao que ainda hoje se vê noutras áreas da frontaria do templo. Curiosamente, a parte inferior do edifício religioso pode igualmente ser observada no interior de uma área, atualmente transformada em capoeira, uma construção acoplada à igreja.



Figura 10 – Base das pilastras visível na fachada lateral esquerda

Por estas evidências, parece exequível que o espaço agora intervencionado, estaria em tempos mais antigos a uma cota mais baixa, e que em algum momento, talvez no século XVIII, se tenha considerado preferível altear.

Na zona subsequente da vala, situada entre o espaço da cabeceira da igreja e a zona anteriormente escavada, essa percepção ficou inequivocamente visível. Antes, porém, numa observação ao edificado, ficou patente que terá existido uma transformação arquitetural do templo, pois é perceptível no cunhal, desde a base do atual pavimento até à parte superior, de uma desconstrução parietal, onde ainda se observam os vestígios. Também, nesta área, é possível perceber a existência de um muro que talvez tenha a função de reforçar a parede e que ocultou, quase por completo, uma abertura, da qual se percebe parcialmente uma verga. Simetricamente, do lado oposto, temos uma situação similar. No subsolo, por seu turno, surgiu uma estrutura pouco cuidada, com um paramento de pedra calcária irregular de tamanhos diversos, interligada por argamassa e já incompleta. A estrutura tinha uma orientação



Figura 11 – Estrutura localizada na zona da fachada lateral esquerda, com um aparelho muito rudimentar

Este-Oeste, que permaneceu “in situ”, embora devido à necessidade de colocação do dreno, tenha sofrido na parte inferior uma desconstrução mínima para a passagem do tubo.

Em frente desta estrutura para Norte, junto à parede da igreja, visualizou-se ao longo de cerca de 1,40m (sentido Este-Oeste), um alinhamento rudimentar de pedras calcárias de várias dimensões e aparentemente ligadas com uma argamassa pobre, que supostamente pertenceria a uma sapata. Este vestígio manteve “in situ”.

Esta aparente sapata poderá estar relacionada com a anterior estrutura, que de alguma forma, configuraria ao templo com uma imagem diferente da atual, embora seja difícil perceber o seu exato formato e a fase da transformação.

No trajeto da vala nesta zona, a profundidade do substrato rochoso oscilava entre os 1,40m e os 2,50m e, por conseguinte, escavação ficou condicionada ao aparecimento da rocha.

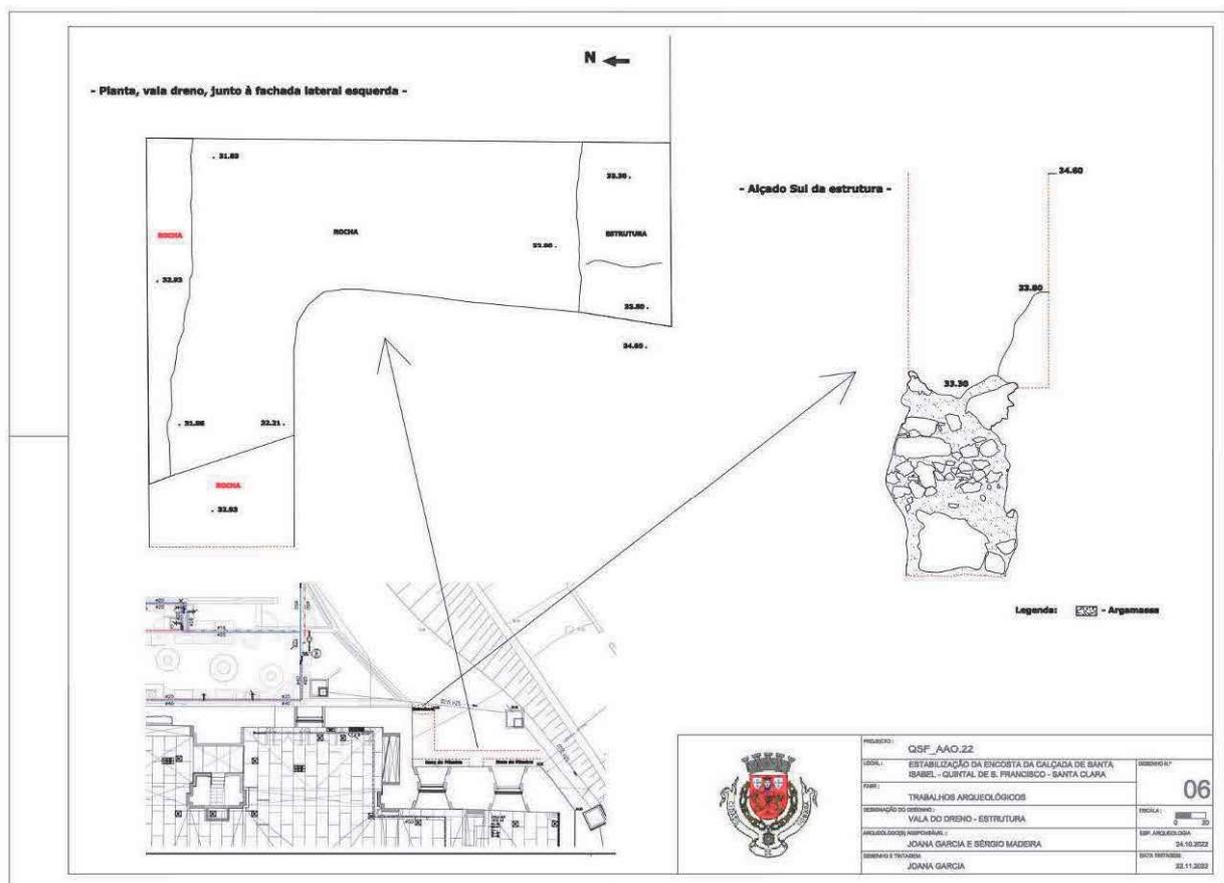


Figura 12 – Registo gráfico: 1 – Planta parcial da vala para implantação do dreno, junto à fachada lateral esquerda; 2 – Alçado sul da estrutura rudimentar

No âmbito da abertura da área para colocação de uma caixa de bombagem relacionada com o sistema de drenagem das águas pluviais da igreja, surgiu uma nova fração do coletor posto a descoberto anteriormente. Nesta zona, dadas as precárias condições de escavação devido às chuvas frequentes caídas durante aquele período, estando a terra com uma elevada quantidade de água e o terreno a ceder, não foi possível, por questões de segurança, descer ao interior da zona escavada. Neste local, o coletor, que tomava neste ponto já um sentido Oeste-Este, em direção à

habitação, cedeu. No entanto, percebeu-se que a estrutura era idêntica ao troço anteriormente referido. Para sul, surgia já o substrato rochoso de origem calcária.

Deste espaço de bombagem, prosseguiu em direção a Sul, uma vala, pontuada por 2/3 áreas para implantação de caixas. Quase no limite Sul do quintal, junto às escadas existentes nesta área para o patamar inferior, foi escavado um espaço para implantação de mais 2 caixas e efetuada a ligação entre as duas altimetrias distintas, tendo sido retirada uma reduzida parte do muro de apoio aos degraus. De salientar, que tanto as escadas visíveis como o muro são de construção recente.

2. Foi efetuada a abertura de uma vala para escoamento de águas pluviais, junto ao muro da cerca, do lado Sul. A escavação não revelou evidências arqueológicas.

Nos trabalhos de acompanhamento arqueológico foram recolhidos os seguintes materiais: duas trempes e 4 conchas.

## **MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO**

Uma vez que a empreitada se localizou numa zona bastante sensível a nível patrimonial, e os seus revolvimentos revelaram, ainda que de modo parcial, alguns testemunhos do passado, considera-se pertinente que novas ações de escavação decorrentes neste mesmo espaço mantenham acompanhamento arqueológico. E talvez a localização exata das movimentações de terras, assim como a profundidade a atingir nesses trabalhos, possibilitem uma intervenção arqueológica mais atempada e com menos interferências em fase de obra. O conhecimento obtido nesta ação de índole arqueológica permitiu a identificação de pré-existências que devem ser tidas em conta em próximos projetos, nomeadamente uma estrutura, um coletor antigo de alvenaria e a parte inferior da fachada lateral esquerda da igreja.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os trabalhos arqueológicos decorrentes no âmbito desta empreitada desenvolveram-se desde o segundo semestre de 2022 aos inícios de 2023. Foi efetuado acompanhamento arqueológico integral dos revolvimentos de terras e outros trabalhos com impacto a nível arqueológico. Procederam-se aos registos fotográficos dos vários momentos distintos da empreitada; gráficos dos elementos considerados revelantes; e das realidades arqueológicas postas em evidência. Foi efetuado o acompanhamento arqueológico da limpeza da vegetação da parte interior da cerca e do campanário anexo, bem como as restantes ações de consolidação dos paramentos e das escavações decorrentes da instalação de infraestruturas. A constituição dos elementos construídos estava já bem documentada e analisada, e a desmatação da área não revelou surpresas, aliás como não foi perceptível novas marcas relativas à pedra antigamente existente no local. Por outro lado, os revolvimentos de terras possibilitaram a identificação de um

«canalete» e de um coletor antigo em alvenaria. Destes elementos alguns prevaleceram “in situ”, outros foram infimamente desconstruídos e numa situação parte do primitivo coletor sofreu uma derrocada devido às condições atmosféricas. Todos os indícios que se mantiveram foram protegidos com geotêxtil.

A escavação da vala de drenagem, com a localização de uma estrutura, da base das pilastras e de parte do aparelho da fachada lateral esquerda que não se encontrava rebocado, associada aos vestígios existentes na parte superior da mesma fachada, parece confirmar as alterações, referidas anteriormente, que ocorreram no topo Sul do templo.

Finalmente reforça-se a importância de intervenções arqueológicas em espaços de elevada riqueza patrimonial, que viabilizam um conhecimento mais profundo da “vida” e da própria gênese histórica da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Dário e FERNANDES, Diana (2014). *Acessibilidades ao Convento de S. Francisco/Requalificação à Av. João das Regras (Coimbra) – Relatório Final*. Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. - BORGES, N. C. (1987). *Coimbra e Região*. Lisboa. Editorial Presença. - CONCEIÇÃO, Santos (1952). *Santa Clara através dos séculos*. *Arquivo Coimbrão*. Vol. XI. Câmara Municipal de Coimbra. - CORGA, Mónica et alli (2011). *Relatório Preliminar. Intervenção de Arqueologia Preventiva Convento de S. Francisco (Convento de S. Francisco, Santa Clara, Coimbra)*. Dryas Arqueologia, Lda. [Policopiado]. - CORGA, Mónica et alli (2013). *Relatório Final. Intervenção de Arqueologia Preventiva Convento de S. Francisco (Área de serviços afectados)*. Dryas Arqueologia, Lda. [Policopiado]. - CORREIA, V. e GONÇALVES, A. N. (1953). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Vol. IV. Lisboa. Academia Nacional de Belas Artes. - DIAS, Pedro (1995). *Arte e História*. Coimbra. Gráfica de Coimbra, Lda. - DURÃO, João Manuel Pinto (2020). *Páteo de São Francisco. Revestimento e Estabilização de Talude. Projecto de Execução*. EPGEO. Estudos, Projectos de Engenharia e Geotecnia & bbarquitectos. Projectos e consultoria de arquitectura e engenharia. [Policopiado]. - FIGUEIREDO, A.B. de (1886). *Coimbra Antiga e Moderna*. Lisboa. Livraria Ferreira. - GINJA, A. e GINJA, M. (2010). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos no âmbito das obras de consolidação Estrutural – 2ª fase no Convento de S. Francisco da Ponte, Santa Clara*. Coimbra. [Policopiado]. - GERVASIO, A; PEREIRA, C. & SANTOS, R. (coord. projeto) (2009). *Levantamento de Património Edificado com Interesse Cultural, Concelho de Coimbra*. Câmara Municipal de Coimbra. Coimbra. Bookpaper Design. - GONÇALVES, A. (1994). *Santa Clara – Freguesia da margem esquerda do Mondego*. Coimbra. - LOPES, S. D. (1998). *Convento de S. Francisco da Ponte Valor da Arte Coimbrã*. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra. - LOUREIRO, J. Pinto, (1964). *Toponímia de Coimbra*. Tomo II. Coimbra. - MANTAS, Vasco (1996). *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra. [Policopiado]. - MARTINS, Alfredo Fernandes (1940). *O esforço do homem na bacia do Mondego – Ensaio Geográfico*. Coimbra: 173-206. - RODRIGUES, Vasco (2003). *Coimbra: caracterização da margem esquerda*. Monumentos, nº 18. *Revista Semestral de Edifícios e monumentos, DGEMN*. - SANTOS, Pedro João Rodrigues dos (1997). *O Convento de São Francisco da Ponte*. Dissertação de Licenciatura. Departamento de Arquitectura da FCTUC. Coimbra. - SANTOS, Raquel (2012). *Reconstrução de Muros de Suporte/2010. Calçada de Santa Isabel. Relatório Final*. Santa Clara, Coimbra. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SANTOS, Raquel (2016a). *Igreja de S. Francisco / Centro de Convenções e Espaço Cultural de S. Francisco – Requalificação da Igreja – Trabalhos Arqueológicos (IgCSF.15)*. Nota Técnica 2. fevereiro. Divisão de Reabilitação Urbana. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SANTOS, Raquel (2016b). *Prospecções e Estudos Geológicos e Geotécnicos na Encosta da Calçada de Santa Isabel e S. Francisco Acompanhamento Arqueológico - Relatório Final*. Câmara Municipal de Coimbra [Policopiado]. - SANTOS, Raquel (2020). *Estudo prévio de impacte arqueológico e patrimonial resultante da análise ao Projeto de Execução de Arquitetura para Requalificação do Pátio São Francisco e Encerramento dos Vãos do Nártex da Antiga Igreja Santa Clara – Coimbra*. Novembro. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SANTOS, Raquel (junho de 2022). *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos Prévios de Diagnóstico do Projeto de “Estabilização da Encosta de Santa Isabel” - QSF\_SPD.22*. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SANTOS, Raquel e PEREIRA, Carmen (2012). *Relatório Preliminar arqueológico/antropológico*.

*Sondagens de diagnóstico. Igreja do Convento de S. Francisco, Santa Clara, Coimbra. IgCSF.12. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SANTOS, Raquel e PEREIRA, Carmen (2020). Relatório Final das "Sondagens prévias de diagnóstico no âmbito da Requalificação da Igreja do Convento de S. Francisco e sua adaptação a Centro de Arte Contemporânea, Santa Clara, Coimbra. Trabalhos Arqueológicos (capítulo I) e Relatório Paleoantropológico Final (capítulo II). IgCSF.12. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]. - SILVA, A. e NOBREGA, R. (2003). Acompanhamento Arqueológico do Empreendimento do Convento de S. Francisco (Santa Clara, Coimbra). Interior da Igreja. Relatório Preliminar. [Policopiado]. - SOARES, A. F., MARQUES, J. F. e ROCHA, R. B. (1985). Contribuição para o conhecimento geológico de Coimbra. Memórias e Notícias. Publicação Museu Mineral. Universidade de Coimbra. N.º 100. Coimbra: 41-72.*

Internet (consultada em janeiro de 2022):

- <https://ordemterceirasaofrancisco.pt/nossasenhoradaconceicao/>
- <http://www.cm-coimbra.pt/>
- <http://www.coimbraconvento.pt/pt/>
- <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>
- <http://www.culturacentro.pt/>
- <http://www.monumentos.pt/>
- <http://www.patrimoniocultural.pt>